



VOZ DA FÁTIMA

Chamados ao Encontro

EDITORIAL

Meio século da democracia de abril: mudanças e desafios

Padre Carlos Cabecinhas

Preservar a memória dos momentos significativos, seja a nível individual ou coletivo, significa preservar a própria identidade pessoal, coletiva ou nacional. Assinalar as datas mais significativas insere-se nesta dinâmica da memória e da identidade e permite avaliar o caminho feito e abraçar os desafios que o futuro apresenta. Vem isto a propósito da comemoração dos cinquenta anos do 25 de Abril: um aniversário importante de uma data significativa, que nos permite avaliar o caminho de meio século da democracia portuguesa.

Num mundo em rápida mudança, estes cinquenta anos da Terceira República foram também de rápida transformação do país a todos os níveis. As diferentes posições ideológicas levam inevitavelmente a avaliações divergentes do percurso destes cinquenta anos, mas creio que a esmagadora maioria dos portugueses avalia positivamente o caminho percorrido.

Não pretendo entrar nas polémicas, sempre inevitáveis, sobre o sentido desta data, sobre a caracterização e significado do que aconteceu, sobre as outras datas que se deveriam ou não também associar a esta comemoração. Prefiro destacar alguns aspetos do que de bom nos trouxe o 25 de Abril. Antes de mais, o regime democrático que, com todos os seus limites, é o menos mau dos regimes políticos. A democracia trouxe-nos liberdade, valor maior e que se declina nas mais diversas vertentes. De entre essas várias vertentes, não quero deixar de referir a liberdade religiosa: se a Primeira República foi essencialmente anticlerical e perseguiu explicitamente a Igreja Católica, procurando laicizar radicalmente a vida pública, o atual regime democrático, afirmando a laicidade do Estado, não deixou de reconhecer a liberdade religiosa de todos os cidadãos: católicos ou cristãos de outras confissões, crentes de outros credos ou agnósticos e ateus.

Outro dos frutos da “revolução dos cravos” foi o fim da guerra nas colónias portuguesas em África. Podemos questionar a forma da descolonização, que não foi, de modo algum, exemplar, mas o respeito pelo direito à autodeterminação daqueles povos só pode ser avaliado positivamente, tal como o fim da guerra colonial.

Também o chamado estado social foi uma das conquistas positivas destes cinquenta anos. É forçoso reconhecer o papel fundamental do Estado na defesa dos mais pobres e desfavorecidos, segundo o princípio da subsidiariedade, defendido pela Doutrina Social da Igreja.

Cinquenta anos permitiram uma enorme transformação do país e da sociedade portuguesa, mas há ainda muito caminho para andar, nomeadamente na luta contra a pobreza e pela construção de uma sociedade mais justa.

Estes cinquenta anos, por outro lado, correspondem a meio século de um notável crescimento de Fátima e de difusão da sua Mensagem por todo o mundo. O acontecimento Fátima, que nasceu na Primeira República, consolidou-se no regime democrático. Sinal disso é o facto de, das sete visitas papais ao Santuário da Cova da Iria, seis terem acontecido já depois de 1974.

Nos cinquenta anos do 25 de Abril, confiamos à proteção de Nossa Senhora de Fátima o nosso país.

Em Fátima, o 25 de Abril trouxe um apelo à união para “erguer um Portugal melhor”

A Cova da Iria foi palanque para a Igreja Portuguesa assumir a sua posição sobre a revolução de abril. Na homilia da peregrinação de maio, ficaram claros os desejos de liberdade e do fim da guerra em África.

Cátia Filipe e Patrícia Duarte



VOZ DA FÁTIMA

A mensagem de Nossa Senhora na Fátima é uma mensagem de paz e de amor entre os homens. Mas a Senhora não deixou de nos advertir dos perigos do comunismo e das ideias comunistas. Recordem-se as Suas palavras na aparição de 13 de Julho acerca da Rússia e dos seus erros ideológicos. Há que estar alerta e pôr em prática as recomendações da Virgem na Fátima, para se evitarem guerras, perseguições e martírios. A Mensagem da Fátima é sempre actual. Vamos vivê-la.

Director: Padre Joaquim Domingues Gaspar
Proprietária e Administradora: «Gráfica de Leiria» — Largo Cônego Maia — Telef. 22336
Composto e impresso nas oficinas da «Gráfica de Leiria»

ANO LII N.º 620
13 DE MAIO DE 1974
PUBLICAÇÃO MENSAL

Avença

O 25 de Abril não fez parar o Santuário de Fátima. Nem durante nem após a revolução os fiéis interromperam as visitas à Cova da Iria. Também as celebrações prosseguiram ao ritmo habitual e as peregrinações anuais respeitaram o calendário.

Isso não significa, no entanto, que o sentimento dominante não fosse de apreensão e até de algum receio. O Santuário não seria indiferente ao tumulto em curso nem ao que dele podia emergir nos planos político, social e religioso. O momento era de indefinição e impunha-se alguma prudência.

A edição de maio da *Voz da Fátima*, a primeira após a revolução, exibiu no topo da primeira página um alerta em relação aos “perigos do comunismo e das ideias comunistas”. Escreveu-se então no cabeçalho: “Há que estar alerta e pôr em prática as recomendações da Virgem na Fátima, para se evitarem guerras, perseguições e martírios. A Mensagem de Fátima é sempre actual. Vamos vivê-la”.

Ainda na edição de maio, a rubrica “Vida do Santuário”, publicada na página 2, informou que, de 21 a 26 de abril, os “bispos portugueses da Metrópole” tinham estado reunidos na Casa de Retiros do Santuário, “para tratar de vários assuntos da sua competência”. No texto não havia qualquer referência a tomadas

de posição, mas no final desse encontro, em comunicado, os prelados fizeram notar que não cabia à Igreja propor modelos concretos e soluções técnicas de estruturação da vida social. Estes teriam, sim, de ser encontrados “pelo esforço conjugado de todos os cidadãos”.

Nas semanas que se seguiram ao 25 de Abril, o Santuário prosseguiu a sua intensa atividade, ditada também pelas celebrações do Ano Santo, nas quais se integrou a peregrinação de maio.

A *Voz da Fátima* de junho fez reflexo disso mesmo: “Muitas centenas de milhar de pessoas, de Norte a Sul do país, suportaram chuva, incómodos numa noite sem dormir, apertos, caminhadas longínquas para estarem presentes na manifestação coletiva, na súplica uníssona, para que haja paz na terra portuguesa, súplica que se adivinhou mais fervorosa pela hora grave que se vive”.

Nessa mesma edição, “pela importância e oportunidade”, o Santuário decidiu publicar na íntegra a homilia da peregrinação de maio do cardeal-patriarca de Lisboa. D. António Ribeiro não se refugiou em figuras de estilo. Aludiu a uma “sociedade pluralista” e não se coibiu de usar, por diversas vezes, a palavra “liberdade” e de apelar ao “respeito recíproco de pontos de vista diferentes”.

Na meta de renovação que ago-

ra se colocava à sociedade portuguesa, referiu ser “indispensável que todos, para lá das legítimas e razoáveis discrepâncias de pensamento e de atuação, colocassem os interesses coletivos acima dos egoísmos individuais ou de grupo e se dessem as mãos, na obra gigantesca de erguer um Portugal melhor”.

Em Fátima, o cardeal-patriarca deu voz a uma Igreja Católica que não só não temia o “confronto com outros pensamentos, mesmo dos mais progressivos”, como propunha uma doutrina social convergente com os princípios que a revolução preconizava.

A guerra em África também não ficou esquecida, com D. António Ribeiro a formular o desejo de que, “em breve, as espadas e as lanças da guerra se transformem em instrumentos de paz e de prosperidade”.

A edição de junho da *Voz da Fátima* deu ainda nota de que também a oração universal da peregrinação de maio visou o momento histórico que se vivia. Rezou-se: “Por Portugal, nesta hora de caminhos novos, a fim de que a grande palavra Amor que o Senhor nos legou seja fermento de unidade, num povo unido para a renovação”.

Se é verdade que o 25 de Abril não fez parar o Santuário de Fátima, também é facto que não o silenciou.

“Para Fátima caminhava uma manifestação silenciosa que condenava a guerra em África”

No mês em que se assinalam os 50 anos do 25 de Abril, o diretor do Departamento de Estudos do Santuário de Fátima desconstrói alguns mitos que persistem sobre a relação entre o Estado Novo e a Cova da Iria. Em entrevista, conta ainda como o Santuário viveu a revolução de 74 e o período conturbado que se lhe seguiu.

Cátia Filipe e Patrícia Duarte

Fátima corporizava um dos elementos da trilogia do Estado Novo e era um dos três F. Como avalia esta inclusão?

A História religiosa do século XX português precisa de ser avaliada a partir do cruzamento de informações que os arquivos — documentais (sejam institucionais ou particulares) ou da memória — custodiam. Algumas dessas informações virão a confirmar muito do que a memória coletiva foi fixando, mas podem também vir a desmentir ou, pelo menos, a aclarar alguma mitografia criada como simplificação de uma História que é, obviamente, mais complexa. Os três F equiparam Fátima, o Futebol e o Fado ao entretenimento — no caso de Fátima com a junção da categoria da religião — que manteria os portugueses mais ou menos alienados relativamente ao que de politicamente se passava no país. É indiscutível que o Estado Novo se apoiou numa ordem social que a Igreja favorecia, mas isso não significa que a Igreja ou que Fátima equivalham ao Estado Novo.

Pode concluir-se que Fátima foi aproveitada politicamente pelo Estado Novo?

As conclusões têm de ser firmadas numa análise cuidada da ação dos agentes históricos e são sempre mais complexas do que pretendem

as simplificações rápidas. Há pontos de concordância, por exemplo, no que respeita à dimensão política, entre Fátima e o Estado Novo: por razões diferentes, mas coincidentes na forma de olhar os regimes marxistas, quer o Estado Novo quer a Igreja — e, dentro desta, Fátima tem papel preponderante pela sua veemente proclamação da presença de Deus na História humana — são contrários aos regimes comunistas. Contudo, esta coincidência teórica não leva a que se possa ler Fátima como fenómeno histórico sinónimo do fascismo de António de Oliveira Salazar.

Oliveira Salazar era, contudo, profundamente católico?

O posicionamento religioso de Salazar é, de facto, católico, mas também aqui há matizes que levam a perceber como nem sempre a sua governação foi favorável ao catolicismo. A História não deve ser branqueada, mas, antes, assentar na interpretação documental, porquanto as simplificações podem levar à construção de mitografias. Sem se negar que interessou ao Estado Novo a manutenção de uma comunidade que assentasse nos valores conservadores, valores que tradicionalmente estão ligados à Igreja, e sem negar que a Igreja foi colaboracionista do regime de Salazar, não significa que salazarismo e fatimismo

sejam sinónimos. Por exemplo, no que respeita a Fátima, não se pode dizer que Salazar frequentasse a Cova da Iria. Sabemos que esteve em Fátima em 1951, numa visita que, embora enquadrável nos preparativos do encerramento do Ano Santo, parece não ter tido carácter oficial, e que esteve, depois, em 1967, quando da visita de Paulo VI. Mas a historiografia sobre a relação do Estado com a Igreja durante a ditadura de Salazar poderia levar a pensar que o poder político ao mais alto nível tivesse omnipresença em Fátima, o que não é verdade. É curioso perceber, inclusive, que, em momentos altos da História de Fátima — Coroação da Imagem ou encerramento do Ano Santo, por exemplo (ambos com legados pontifícios) —, nem o Presidente da República nem o Presidente do Conselho tenham marcado presença nas celebrações da Cova da Iria.

Por que razão?

Precisamente porque o Estado Novo geria muito bem a sua relação institucional com a Igreja. É inegável que a capilaridade territorial da Igreja tenha sustentado os valores traduzidos pela tríade — outra tríade — Deus, Pátria e Família, mas também é importante perceber que, do ponto de vista institucional, há ambiguidades que sustentavam os diferentes poderes na sua intervenção social.

O primeiro Papa que visitou Portugal e Fátima foi Paulo VI, em 1967. Nessa fase, como se relacionava o Estado português com o Vaticano?

Esse é um assunto que, precisamente, ajuda a perceber a tensão que existiu entre as instituições Estado e Igreja. A visita de Paulo VI no Cinquentenário das Aparições era do completo agrado e veemente desejo por parte da Igreja — e o bispo de Leiria lutou muito por que o Papa viesse a Fátima —, mas essa visita beliscava de forma evidente a relação entre Portugal e a Santa Sé, uma vez que o Papa visitou a Índia (que acabava de anexar as possessões portuguesas naquele território) e uma vez que o Papa recebera em audiência líderes africanos que reclamavam a autodeterminação dos seus territórios, demarcando-se da política colonial que Salazar persistia em manter. Paulo VI fará questão de não passar pela capital do “Império”, como sabemos, querendo chegar a Fátima sem passar por Lisboa. Neste contexto, é célebre a resposta de Paulo VI, em Fátima, quando, segundo Franco Nogueira, Salazar cumprimenta o Papa por “Sua Santidade” e Paulo VI se lhe dirige por “Sua Eternidade”.

Fátima foi refúgio e consolo para muitos militares e suas famílias durante a Guerra Colonial. Que documentos e objetos guarda o Arquivo

do Santuário que reflitam de modo particular o sofrimento que esse período representou para muitas famílias? Destacaria alguns em particular?

Este é precisamente um tipo documental que interessa estudar e cuja informação interessa fazer cruzar com a documentação institucional sobre este período. A História não se faz apenas com os decretos emanados pelas instituições, com os livros doutrinários que se produziram, com as fontes jornalísticas (ainda para mais, neste tempo, tão condicionadas pela censura). A História tem de se fazer, também, com as cartas dos militares, das suas noivas e madrinhas, com os bilhetes das crianças em ambiente escolar ou de catequese; com as fotografias de soldados da guerra do Ultramar com mensagens a pedir a paz; com as cartas de párocos a responder aos seus bispos que assumir as capelanias militares numa guerra injusta era trair o Evangelho. É tudo isto que se encontra no Arquivo do Santuário de Fátima e que temos vindo a divulgar, a fim de que este material possa ser estudado. Quando a História de Portugal vier também a fazer-se com o contributo desta documentação, talvez venhamos a verificar que para Fátima caminhava uma manifestação silenciosa que condenava a guerra em África.

A Voz da Fátima agradece os donativos enviados para apoio da sua publicação

Propriedade e Edição

Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima
Fábrica do Santuário de Nossa Senhora de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360
AVENÇA – Tiragem 60.000 exemplares
NIPC: 500 746 699 – Depósito Legal N.º 163/83
ISSN: 1646-8821
N.º de Registo na ERC 127626, 23/07/2021
Publicação Doutrinária

Redação e Administração

Diretor: Padre Carlos Manuel Pedrosa Cabecinhas
Redação: Gabinete de Comunicação do Santuário de Fátima
Revisão: André Pereira e Carla Abreu Vaz
Santuário de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360; Cova da Iria
2495-424 FÁTIMA
Telefone: 249 539 600
Administração: assinaturas@fatima.pt
Redação: press@fatima.pt
www.fatima.pt

Assinatura Gratuita

Donativos para ajudar esta publicação:
*Transferência Bancária Nacional (Millennium BCP) NIB: 0033 0000 50032983248 05
*Transferência Bancária Internacional IBAN: PT50 0033 0000 5003 2983 2480 5
BIC/SWIFT: BCOMPTPL
*Cheque ou Vale Postal: Santuário de Nossa Senhora de Fátima (Morada do Santuário, com indicação “Para VF - Voz da Fátima”)
Não usar para pagamento de quotas do MMF
Impressão
FIG, Indústrias Gráficas, S.A.
Rua Adriano Lucas, 161 | 3020-430 Coimbra

“Há testemunhos muito credíveis de que o Santuário de Fátima esteve vigiado por militares, mas não conseguimos ainda encontrar documentação que nos dê a expressão dessa ocupação.”

MARCO DANIEL DUARTE

Como foi vivido o 25 de Abril no Santuário?

Não é fácil historiar esses dias no Santuário de Fátima. O órgão de informação institucional é muito parco relativamente aos pormenores destes dias. Sabemos que os bispos portugueses estavam reunidos em Fátima e que a própria constituição do grupo episcopal se posicionaria de forma diferente sobre o acontecimento. Na vida do Santuário de Fátima tudo parece ter continuado com normalidade; os trabalhadores do Santuário foram convidados a participar na festa de São José Operário, a celebrar, como habitualmente, no dia 1 de maio seguinte. A peregrinação de maio que seguiu ao 25 de Abril teve muita adesão, sendo palco para que o presidente da Conferência Episcopal lançasse, na homilia, as bases do posicionamento da Igreja relativamente ao novo regime. Fátima foi positiva, não deixando de apelar à responsabilidade das forças políticas para a construção de um Portugal democrático; fá-lo, sobretudo, a partir das chaves de leitura que a Igreja já estava a usar no contexto da celebração do Ano Santo que se encontrava a viver e que bem se aplicavam ao momento político, usando termos como reconciliação, renovação, construção de um mundo novo.

Quais eram os maiores receios?

O maior receio estava relacionado com o que se inscreve no âmago da Mensagem de Fátima. Se a revolução viesse a desenvolver um país de matriz política fortemente marxista, poderia estar em risco o que Fátima defende no mundo contemporâneo, isto é, a presença de Deus na sociedade. Esta é uma das definições de Fátima: proclamar que Deus continua presente na História.

A Voz da Fátima de maio de 1974, de facto, nada publicou sobre a queda do regime. Como se pode interpretar esse silêncio?

A Voz da Fátima segue, por uma questão de prudência, o estilo dos jornais católicos da época,

referindo-se à Revolução a partir de perfrases como as que cito de memória: “os acontecimentos recentes”, “os tempos que agora estamos a viver”, “a hora grave a que assistimos”... Mas não podemos dizer que isso signifique silêncio. A publicação integral da homilia do cardeal Ribeiro (quer no jornal, quer no suplemento do Ano Santo) e outros artigos que, ao longo dos primeiros anos do Portugal democrático, ajudaram os leitores a interpretar o tempo são prova de que o jornal não estava alheado do tempo político. Os pequenos pormenores não podem ser negligenciados, como este que agora recordo: o jornal transcreve as preces da oração universal do dia 13 de maio de 1974; numa delas rezava-se pelo país “nesta hora de caminhos novos”, pedindo um “povo unido para a renovação”.

Como foi Fátima gerindo a turbulência política e social do pós-25 de Abril?

Fátima tem um motor interno que, dialogando com os contextos de cada tempo, a desenvolve e a faz perseguir um ideário próprio que não é subsidiário dos contextos políticos. Por conseguinte, Fátima manteve-se fiel ao seu carisma, como sempre aconteceu ao longo da sua História, procurando interpretar cada tempo de acordo com as capacidades dos seus agentes e no contexto específico da História da Igreja. O seu desenvolvimento mais acelerado do ponto de vista da projeção universal do Santuário talvez tenha sido no contexto da relação com Pio XII e, depois, com João Paulo II, o que, como se vê, não se refere a factos internos do país, mas antes à política internacional do catolicismo em tempo de globalização. Não ficou, porém, imune ao contexto nacional. O tempo do pós-25 de Abril não foi exceção, pelo que vemos debater em Fátima assuntos complexos como a forma de receber os chamados retornados: o reitor da época, Mons. Luciano Guerra, empenhou-se em que fossem acolhidos e tratados como irmãos. É também este reitor que assina vários textos a partir dos quais, nesta época, aborda o complexo tema do comunismo. Fátima continuou a ser esse lugar de acolhimento dos fiéis para vivência da sua relação com a

Virgem Maria e da mensagem de paz que acreditam ter sido deixada na Cova da Iria.

Os espaços do Santuário sofreram algum tipo de ocupação ou destruição no período pós-revolução?

Há testemunhos muito credíveis de que o Santuário de Fátima esteve vigiado por militares, mas não conseguimos ainda encontrar documentação que nos dê a expressão dessa ocupação. O reitor da época referiu-se a este cerco que, provavelmente, terá ocorrido em outubro de 1974, peregrinação que teve efetivamente menos fiéis; refere também que, logo em maio,

nos candeeiros do Santuário de Fátima havia sido escrita a sigla da Liga de Unidade e Ação Revolucionária (LUAR) e que houve a tentativa de tomar conta dos microfones de Fátima com medo de uma contrarrevolução a partir da Cova da Iria. Seria importante estudar mais as fontes relativas a esta época, para podermos mapear com mais precisão este tempo na Cova da Iria, tempo em que circulavam papéis pelos peregrinos com mensagens a favor da revolução e em que vemos o próprio reitor do Santuário a redigir esclarecimentos à imprensa a propósito do contexto político e do posicionamento do Santuário de Fátima sobre essas

matérias das quais, do ponto de vista estritamente político, se demarcava.

A nacionalização do Santuário chegou a ser ponderada?

Não conheço documentação que o registre, mas a consciência coletiva desenvolveu essa ideia, porquanto sentiria o temor — ancorado na memória relativa ao quadro histórico do Liberalismo e da Primeira República — em relação ao que poderia vir a construir-se como um regime pouco favorável à ideia religiosa. Os primeiros anos da construção democrática foram, com efeito, decisivos para a relação do Estado no que respeita às questões religiosas, não apenas com a Igreja Católica, mas também com outras confissões religiosas. O que sabemos, de forma documental, é que em determinado momento o reitor do Santuário de Fátima sentiu necessidade de enterrar o ouro que os peregrinos haviam ofertado à Virgem de Fátima, o que mostra, de forma cabal, que houve receios fundados.

Fátima não tem cor política nem assume posições nesse domínio. No entanto, tem uma mensagem de paz que interpela as figuras políticas. Na generalidade, como é que essa mensagem tem sido acolhida ao longo dos 50 anos de democracia?

É muito interessante perceber como o Santuário de Fátima se desenvolveu mais em tempo de democracia e, até, que todos os chefes de Estado após 1976, incluindo os não católicos, marcaram presença em Fátima. Vêm com a consciência da importância que Fátima tem na sociedade portuguesa e além-fronteiras. Mesmo que não se revejam do ponto de vista religioso na interpretação que o catolicismo faz do mundo, entenderão que Fátima representa uma parte significativa dos portugueses e que aqui se vive também a experiência da liberdade. Fátima, do ponto de vista político e até no quadro do próprio catolicismo institucional, é lugar de liberdade e de democracia, no que esta palavra pode exprimir acerca da relação dos peregrinos com o sagrado.



#FÁTIMA NO SÉCULO XXI

Joaquim Franco

Entrevista disponível em
www.fatima.pt/podcast

“Gostava de ter podido estar dentro da sala para ver os diferentes posicionamentos do episcopado. Havia muitos membros do episcopado que já tinham manifestado uma profunda insatisfação com o regime e outros viviam acantonados no regime”



“Fátima esteve no centro do posicionamento da Igreja no 25 de Abril”

Jornalista analisa a simbólica e a narrativa de Fátima na construção do Portugal democrático por ocasião das comemorações dos 50 anos da revolução de abril.

Carmo Rodeia

O fenómeno de Fátima sobreviveu, em 100 anos, a três regimes. Foi hostilizado pela I República, aproveitado pelo Estado Novo e respeitado pela democracia, laica, apesar das desconfianças revolucionárias após o 25 de Abril de 1974. Fátima, como escreveram António Marujo e Rui Paulo da Cruz no livro “A Senhora de Maio” (Temas e Debates/Círculo de Leitores, 2017), “viria a ter uma relação profunda com questões ideológicas e políticas que marcaram longas décadas do século XX: a oposição entre Catolicismo e República, o aproveitamento político do Estado Novo, o anticomunismo, a guerra e a paz”.

No ano em que se comemoram os 50 anos da revolução, falamos de Fátima e da sua relação com o 25 de Abril com um convidado especial, Joaquim Franco, jornalista da TVI e CNN Portugal, e um dos profissionais de informação no ativo em Portugal que há mais tempo cobre o fenómeno de Fátima.

O 25 de Abril de 1974 apanhou os bispos portugueses em Fátima, na reunião da Assembleia Plenária, e isso acaba por ter um simbolismo, refere o jornalista.

“Há uma dimensão simbólica e pragmática da relação entre o episcopado e os católicos em Portugal com a revolução. Desde logo o facto de ela ter acontecido quando todos estão em Fátima e ser a partir de Fátima que os bispos fazem o seu primeiro pronunciamento sobre os acontecimentos. E, quando falo em pragmatismo, quero apenas recordar que grande parte do episcopado não terá sido apanhada de surpresa com a revolução porque ela estava também a ser preparada e acompanhada por dirigentes católicos”.

De resto, acrescenta: “Gostava de ter podido estar dentro da sala para ver os diferentes posicionamentos do episcopado. Havia muitos membros do episcopado que já tinham manifestado uma profunda insatisfação com o regime e outros viviam acantonados no regime”.

Entre o comunicado que justificou a interrupção dos trabalhos para que os bispos pudessem regressar às suas dioceses e a nota pastoral que saiu depois em julho, há ainda a homilia do patriarca de Lisboa, em Fátima a 13 de maio, e nela D. António Ribeiro, que havia sucedido ao cardeal Cerejeira, “balizou” posições.

“Nestas declarações há posicionamento da Igreja que acaba por tranquilizar as hostes revolucionárias que temiam que, com a oposição da Igreja, a revolução pudesse não correr bem. E, na altura, havia como que uma bipolaridade na Igreja: havia padres a combater, mas havia outros que se recusavam a ser capelães militares no Ultramar; havia vozes muito críticas em relação à

falta de liberdade e em defesa dos povos ultramarinos. Recorde-se aquela noite de passagem do ano em Lisboa em 72 quando o padre Janela, no Rato, foi detido por falar de paz”.

Por isso, quando D. António Ribeiro regressa a Fátima para o 12 e 13 de maio, “as suas palavras ecoam como a posição oficial da Igreja, e conseguiu aliviar-se a tensão ao dizer que a Igreja acata este novo regime e até renova a consagração do país ao Imaculado Coração de Maria. Fala da renovação e reconciliação, que não compete à Igreja discutir modelos políticos concretos e até pede aos católicos para não se envolverem muito diretamente na gestão partidária”, refere Joaquim Franco.

“Estava a dizer, assim, que a Igreja iria colaborar com os novos valores do novo regime desde que ele promovesse a igualdade, a liberdade, a defesa dos mais pobres, e isso acabou por ser apaziguador”, referiu ainda o jornalista, no *podcast #fatimanoseculoXXI*, que pode ser ouvido em www.fatima.pt/podcast, também disponível nas plataformas *itunes* e *Spotify*.

“Fátima esteve no centro do posicionamento da Igreja no 25 de Abril, tendo depois condicionado toda a posição da Igreja, apesar de algum dualismo que Fátima e a sua hierarquia acabariam por assumir nesta questão”, refere ainda o jornalista.

“Houve situações de alguma ambiguidade e até favorecedora de deslizes. Ainda em 74, quando se instala a nova situação, temos o patriarca na tomada de posse do Presidente da República António Spínola; Vasco Gonçalves é recebido pelo patriarca; D. António Ribeiro apela à moderação e ao respeito pelas diferenças políticas e até à contenção na militância partidária, condicionando-a aos princípios da doutrina social da Igreja”, relembra Joaquim Franco.

“E nós sabemos que, em algumas regiões do país, a Igreja esteve mais de um lado do que do outro. E isso levou a alguns problemas como Braga, entre outros, gerando focos de tensão”, acrescentou.

A História e os registos revelam uma Igreja interventiva porque tinha, também, uma grande presença e influência social. Questionado sobre se hoje a relevância que a Instituição possui na sociedade lhe permitiria atuar, diante de uma situação semelhante, o jornalista refere que “o tempo é muito diferente”.

“A dimensão religiosa não tem a mesma expressão do impacto na vida social que tinha nos anos 70. Há um afastamento claro dessa influência... Por isso, diria que a Igreja teria um papel a desempenhar, mas seria de todo diferente

na sua relevância”.

“A forma como os católicos se veem é diferente e distante de algum compromisso eclesial. Na altura não havia pluralidade partidária. Nós hoje temos católicos assumidos em militância ativa em todos os partidos e essa é uma realidade que faz com que o papel institucional do episcopado, numa situação complexa, tivesse uma maior cautela na forma de agir, porque há católicos em todos os partidos da cena política portuguesa. Não tenho dúvidas em assumir e dizer que a Igreja desempenha um papel político relevante e fundamental. As narrativas do Evangelho têm consequências políticas. Ser cristão implica um modelo e uma visão de sociedade necessariamente diferente e enformada por valores políticos como a doutrina social da Igreja”, conclui sublinhando, contudo, “que seria muito diferente o posicionamento da Igreja, porventura, muito mais cauteloso do que foi na época do 25 de Abril”.

E, prossegue, “o problema do papel da Igreja no domínio da comunicação é igual ao de outras dimensões. Este novo modelo comunicacional que vivemos atualmente ergue prioridades de compreensão e levanta problemas que devem merecer uma atenção muito especial das instituições”, refere, por outro lado.

“A Igreja em Portugal ainda não acordou para isto. É ver a forma deficiente como a maioria das dioceses e a própria Conferência Episcopal trata a comunicação, deixando a leitura sobre o posicionamento da Igreja em terrenos muito dúbios e de grande ambiguidade”, diante desta “metamorfose comunicacional”, onde comunicar uma posição é tão relevante como comunicar o Evangelho.

Nesta conversa sobre Fátima e o 25 de Abril, o jornalista refere, ainda, a forma como Fátima continua a influenciar o mundo. “Embora seja um fenómeno epocal, Fátima vive agregada ao tempo. Fátima nasceu com uma narrativa agregada ao tempo, depois manteve sempre essa dimensão, não só pelo lado mais místico ou profético mas, sobretudo, pelo facto de Fátima ser a experiência de cada peregrino que ali vai ou que a vive à distância. Por isso, a História de Fátima é a narrativa oficial, mas é sobretudo a história individual das pessoas agregadas às suas vidas numa simbiose com a vida devocional. Obviamente que Fátima se adapta a este tempo como sempre se adaptou a todos os tempos. A narrativa da Rússia poderá nem estar ultrapassada totalmente e, portanto, como na narrativa de Fátima está uma dimensão de conversão, isto é, de paz, ela nunca se esgotará nem esgotará a sua influência”, conclui.

PROTAGONISTAS DE FÁTIMA

Cônego Carlos Silva

Protagonista incontornável da música litúrgica em Portugal, o cônego Carlos Silva é autor de mais de meio milhar de músicas, entre as quais alguns dos cânticos mais emblemáticos de Fátima.

Diogo Carvalho Alves



Carlos Silva nasceu a 5 de março de 1928, em Minde, no concelho de Alcanena. Com 11 anos entrou no Seminário de Leiria, onde estudou Teologia até à sua ordenação sacerdotal, em 1951, pelas mãos de D. José Alves Correia da Silva, o bispo que o havia de enviar para Roma, para se licenciar em Canto Gregoriano, com especializações de órgão e piano, pelo Instituto Pontifício de Música Sacra.

No regresso a Portugal, ensi-

nou Música, Canto Coral, História e Liturgia, no Seminário de Leiria, onde formou gerações de sacerdotes, durante duas décadas, tendo sido nomeado cônego da Catedral de Leiria em 1976. Neste período, assumiu no Santuário de Fátima a responsabilidade pela Música Sacra. Na Cova da Iria, ficou conhecido sobretudo pela regência do canto das grandes assembleias de peregrinos e pela obra que compôs.

Em 2001, o Secretariado Nacional de Liturgia reuniu no livro “Orar Cantando” parte da sua obra musical, nele incluindo melodias que o cônego Carlos Silva criara especificamente para serem cantadas pelas assembleias de Fátima: “Ave, o Theotokos”, “Senhora, um dia descestes” ou “Vamos confiantes”.

“Sempre que componho cânticos religiosos, tenho a intenção primordial de fazer rezar quem os cante, procurando valorizar cristãmente os textos, tornando-os mais expressivos e penetrantes, facilitando deste modo a minha oração pessoal e a oração dos outros, mesmo das pessoas mais simples e dos coros e das comunidades menos preparadas musicalmente”, escreveu o autor na apresentação deste compêndio.

A sua criação musical, destinada à liturgia e devoções eucarísticas ou marianas, destaca-se sobretudo pela simplicidade, com composições de uma ou duas vozes, para pequenos coros em alternância com a assembleia.

Figura incontornável de Fátima e da música litúrgica nacional, com mais de 500 músicas da sua autoria, das quais cerca de 50 de temática mariana destinada ao repertório litúrgico-devocional do Santuário, viria a falecer na Casa Diocesana do Clero, em Fátima, a 16 de fevereiro de 2006.

A PEÇA DO MÊS

MSF, inv. n.º 4475-OUT.II.2430

Autor desconhecido, 1949

Madeira pintada; liga metálica; matéria têxtil

34,5 x 33 x 103 cm



Traineira “Senhora de Fátima”

O barco, de madeira pintada, apresenta obra viva vermelha, sendo o restante casco pintado de branco, rematado por cinta preta e borda-falsa verde, amarela e vermelha. Nas bochechas da proa encontra-se pintado o nome da embarcação e a respetiva matrícula “PE 47 C”. O convés é cinza, ainda que as escotilhas e a ponte sejam de cor azul, esta última decorada com caixilhos vermelhos e brancos. Dele se eleva um mastro e respetivo teque. O barco possui hélice.

Esta obra fez parte do conjunto de ofertas dos pescadores que, organizando-se, pela primeira vez, em peregrinação própria, se deslocaram ao Santuário de Fátima, a 13 de julho de 1949. Na sua maioria vinham de Peniche, cidade donde procede a embarcação, como se conclui pela sua matrícula, mas também se contavam entre esses mareantes pescadores da Nazaré e, em menor número, da Ericeira e Cascais, Sesimbra e Setúbal. Estes peregrinos envergavam os seus trajes típicos, levando ainda consigo alguns remos e redes, que transportaram na procissão, junto com as suas ofertas. A peregrinação pretendia, deste modo, pedir a bênção para aqueles que pescavam na costa portuguesa, mas também para a próxima expedição bacalhoeira na Terra Nova e Gronelândia.

Museu do Santuário de Fátima

Cruz Alta

Marco Daniel Duarte, Departamento de Estudos do Santuário de Fátima

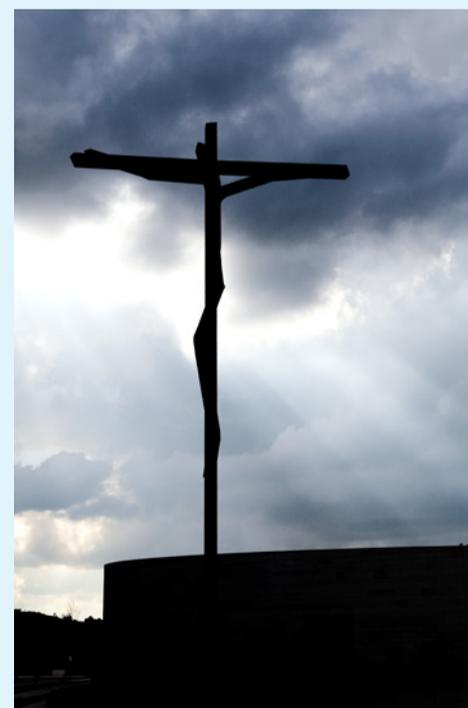
A marcar a paisagem arquitetónica do Santuário de Fátima, a Cruz Alta de Fátima é um dos ícones mais expressivos da Cova da Iria. Construída em 1951 como elemento constituinte da cenografia delineada para as celebrações do Encerramento do Ano Santo, a Cruz Alta que presidiu à grande esplanada do Santuário durante mais de meio século foi desenhada por Leonardo de Castro Freire (1917-1970), autor que assinou os restantes elementos (pódio para a receção do legado pontifício, também situado à entrada do Recinto, e tribuna para a celebração da eucaristia no frontispício da Basílica de Nossa Senhora do Rosário) gizados para aquela grande celebração da História de Fátima. Feita de ferro pintado, a cruz, sem a imagem do Crucificado, media 27 metros de altura. Desmantelados os restantes elementos da arquitetura efémera, a Cruz Alta, mesmo anicónica (sem a imagem do Crucificado), subsistiu como elemento cénico claramente consonante com a austeridade do Recinto de Oração, paisagem sempre aproveitada pelas câmaras fotográficas para os mais expressivos postais ilustrados que o ambiente inspirava.

Com as obras do novo milénio, entre os elementos equacionados no enquadramento paisagístico que a Basílica da Santíssima Trindade inaugurou, encontra-se a nova Cruz Alta que, da

autoria de Robert Schad (1953-), substituindo a anterior, que foi retirada em 16 de fevereiro de 2004 e posteriormente oferecida ao Santuário Nacional de Cristo Rei, em Almada, foi aí instalada em maio de 2007.

Com 34 metros de altura, a cruz de Schad, datada de 2007, foi claramente projetada à escala da grande basílica, dialogando com esta construção, mas também com o restante Recinto de Oração aí traçando, também, uma diagonal em direção à Capelinha das Aparições. O aço corten de que é constituída confere-lhe constante vitalidade cromática em resultado da oxidação natural da matéria que altera entre as fêrreas tonalidades castanhas e laranjas. A monumentalidade desta cruz — porventura o mais alto crucifixo do mundo — tornou-se também um dos mais importantes símbolos do Santuário de Fátima, alcançável de longe por quem peregrina à Cova da Iria, mas também por quem, no mundo mediático, procura imagens do Santuário de Fátima na internet. Estilizado e quase abstrato, o Cristo que nela abraça o mundo é maturada imagem que, embora encontre raízes na arte de Alberto Giacometti, mostra, na cirúrgica angulosidade da sua anatomia, os caminhos do sublime que a arte contemporânea alcança.

FÁTIMA AO PORMENOR





OPINIÃO

Pedro Valinho Gomes

Gostava de saber reparar coisas. Teria dado jeito estes dias quando inesperadamente, tendo deixado o carro na oficina para o que acreditava ser uma revisão de rotina, fui surpreendido com o diagnóstico de uma viatura em falência técnica e de reparação demasiado dispendiosa para a sua já longa vida e rodagem. Porque aparentemente o cálculo impõe-se: “Tem a certeza que quer investir tanto num carro com mais de 300 mil quilómetros?”. A pergunta do mecânico implicava uma resposta negativa, que eu resistia a dar. Era verdade que eu não queria investir. Mas a ideia de que a rodagem da viatura justificava o abandono, depois de tanto caminho fiel, fazia-me resistir ao diagnóstico com um sentimento de impotência.

Reparar é dispendioso. Mesmo aquele que sabe da arte da reparação deve investir pacientemente do seu tempo e energia para aprender a escuta

O carro

do objeto que necessita de atenção. Reparar é uma desinstalação. Obriga-me a desfocar-me de mim, das minhas questões e tensões e atenções, e a abrir espaço para contemplar pacientemente, cuidadosamente, o objeto a reparar. Significa habitar o mundo do objeto partido para chegar a deixar-me habitar por ele. Significa até eventualmente assumir a fragilidade do objeto partido, a incerteza de ser capaz de reparar, a impotência de fazer novo. Na arte da reparação não há cálculo. Que a viatura tenha 300 mil quilómetros e 12 anos de vida interessa muito pouco, muito menos do que o desejo de fazer funcionar o disfuncional, de dar ainda uma oportunidade ao que aparenta ser um caso perdido. É a lógica do dom sem certeza de retorno.

Nem sempre é um carro a precisar de reparação. As nossas sensibilidades usadas, as relações cansadas e disfuncionais, as intimidades traídas e desconfiadas... muitos quilómetros de carburação humana a precisar de um olhar atento de esperança tão mais difícil de reparar do que a mecânica de um automóvel. Querer investir



Foto © Kim Silver PEXELS

numa relação em crise é, para todos os efeitos, um ato de esperança. Nada garante que o investimento faça funcionar o disfuncional. Nada garante que a crise passe. E, mesmo passando, mesmo verificando-se que se cuidaram as feridas e se sanou o irreparável, nada garante que a crise não volte com as mesmas disfuncionalidades ou outras ainda mais graves.

A cruz é uma espécie de manual impossível sobre este investimento sem rede no

cuidado paciente da reparação. Muitas vezes se encontrou Jesus com o irreparável: o paralisado, o cego de nascença, o mudo, o surdo, o leproso, a adúltera, o avarento, o morto, o discípulo que o nega. Diante destes disfuncionais para a sociedade da época, a palavra do Cristo tem invariavelmente o mesmo tom: “os teus pecados te são perdoados”, que é como quem diz “levanta-te e anda” (Mt 9,5): estás reparado. Mas não se pense que se trata de um

truque de magia, de um estalar de dedos a operar o milagre. O milagre dá-se pela dinâmica do cuidado. É um olhar cuidadoso que vê o outro tal como ele é, que acredita que ele tem um futuro, que espera nele e por ele no momento de crise, que não calcula o investimento, porque confia que a existência vale mais do que o desgaste e a disfuncionalidade.

Espero ter mais coragem para a reparação de relações do que tive para com o meu carro.



OPINIÃO

Irmã Sandra Bartolomeu

Jesus cai: assim narra o terceiro passo da via-sacra. Nele, é-nos dado contemplar a primeira, não de três, mas de um sem-número de quedas de Jesus a caminho do Calvário. Jesus cai até à posição do chão pisado por todos, de onde não se avista horizonte; desce da verticalidade que caracteriza a dignidade de ser pessoa — Ele, que é Pessoa por excelência —, para a horizontalidade do húmus, dos rastejantes, dos sem *anima*, sem alento, sem vida. Desanimar é cair ao chão. O desânimo de quem cai ou de quem permanece no chão pode, no limite, levar à morte.

Cair: lugar de Esperança?

O que leva a cair no desânimo? E o que custa mais a quem cai, qualquer que seja o tipo da queda: o embate na dureza do chão? A humilhação? Ou o esforço que agora tem de fazer para juntar todas as forças do corpo e do ânimo para se reerguer, depois de estar ferido e humilhado? Deve aproveitar o encosto do chão para descansar e deixar o corpo recompor-se? Ou levantar-se de um impulso só, imediatamente?

Quando alguém se vê despojado de tudo, sobretudo do reconhecimento da sua dignidade, que força pode levá-lo a reerguer-se, estando ele colada ao chão? Que força levou Jesus a erguer-se de uma primeira, segunda, terceira queda, sabendo que o culminar da sua vida seria no Calvário?

C'est la confiance — “A confiança e nada mais do que a confiança conduzir-nos-á ao Amor”. A partir destas palavras de Teresa do Menino Jesus e da

Santa Face, o Papa Francisco intitulou a sua última Exortação Apostólica, sobre a confiança no amor misericordioso de Deus, por ocasião do 150.º aniversário do seu nascimento e às portas do Jubileu do Ano Santo dedicado à Esperança.

Na biografia de Franz Jägerstätter levada ao cinema por Terrence Malick, o diálogo magistral entre Franz, que resiste ao regime nazi, e o general que o interroga dá conta da dificuldade interior para nos levantarmos do mal e do desânimo perante as suas consequências:

— Acredita que alguma coisa que faça possa alterar o curso da guerra? [...] Julga-me?

— Eu não o julgo. Não estou a dizer: Ele é malvado e eu é que tenho razão. Eu não sei tudo. Um homem pode errar e não conseguir emendar as coisas para tornar a sua vida mais limpa. Talvez... gostasse de voltar atrás, mas não consegue”.

O amor, enquanto bem-que-

rer que não inflige juízos e não impõe condições para amar, é, no limite, a força que permite à pessoa levantar-se do chão. No seu caminho de infância espiritual, Teresa descobre, diante da sua própria caducidade, quer física, quer moral e espiritual, que o polo fidedigno não são os seus próprios méritos, mas Deus, presente em cada pessoa. O seu amor omnipresente é capaz de superar o fracasso e levantar do desânimo.

Cair pode ser lugar de esperança, se nesse chão, no confronto doloroso com o último reduto de nós próprios, nos abrimos a Deus que está aí: conheceu a queda da fragilidade humana em toda a sua amplitude e, no seu amor mais profundo que o mal, é o único capaz de erguer, quaisquer que sejam os antecedentes.

Disto nos fala a Páscoa: Jesus levantou-se e pode, por meio daqueles que O tornam presente, levantar-nos até ao fim.



A irmã Sandra Bartolomeu é religiosa das Servas de Nossa Senhora de Fátima

Livro de Honra do Santuário de Fátima

D. Filomeno do Nascimento Dias (n. 1958)

Livro de Honra n.º 3 (2021-...), fl. 17 v.

TRANSCRIÇÃO

Fátima
 lugar do encontro, do espanto e do encanto. Fátima, habitação da mãe querida e seus filhos.
 Lugar do conforto, casa de todos, recanto confortante e eleito dos cristãos anónimos — Tabernáculo da alma portuguesa
 — Refúgio e consolo de muitos coraçõe[s]
 A ti, Mãe querida,
 o nosso amor e gratidão.

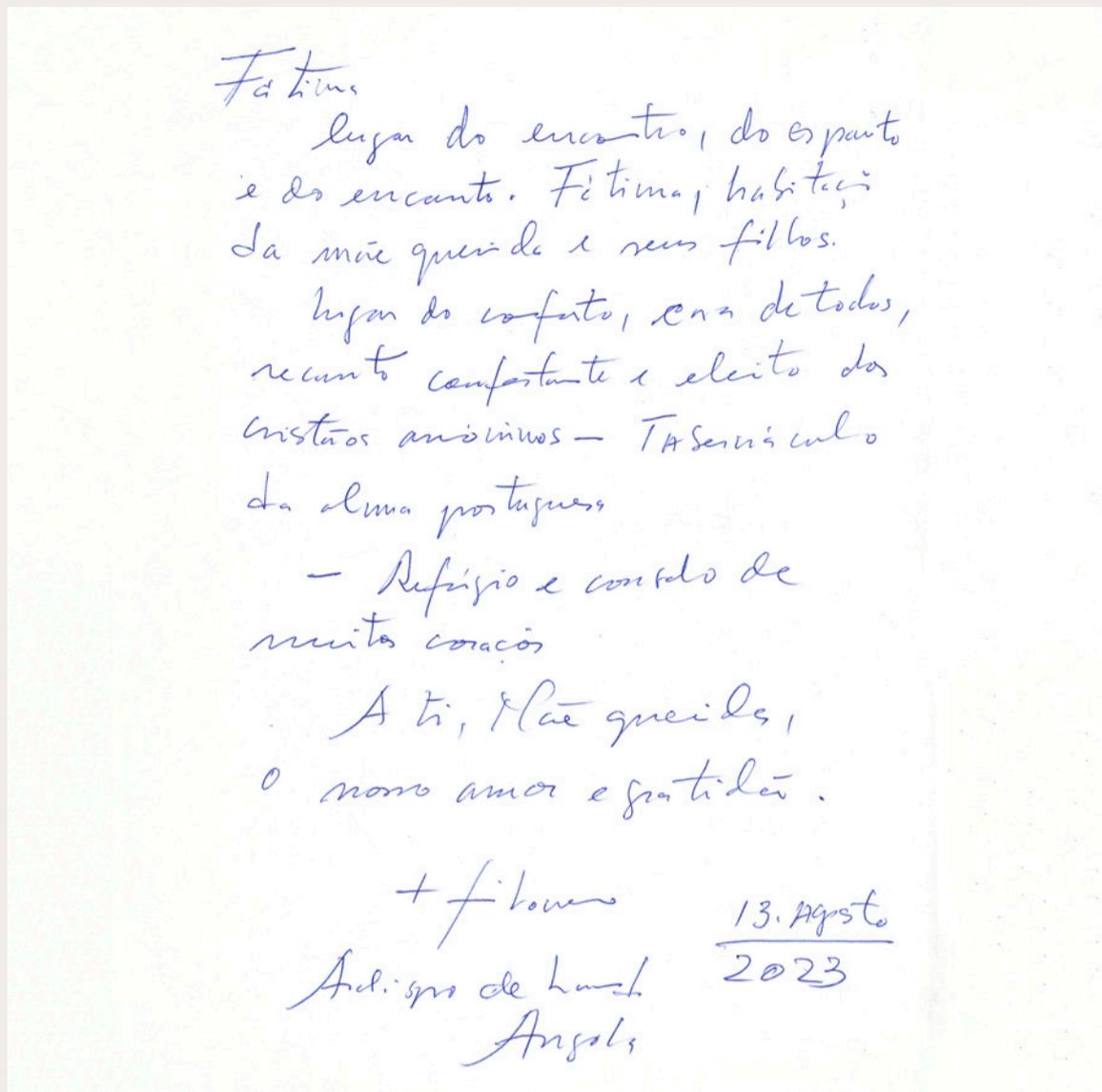
+ Filomeno
 13. Agosto
 2023

Arcebispo de Luanda
 Angola

CONTEXTUALIZAÇÃO

D. Filomeno do Nascimento Dias, arcebispo de Luanda, presidiu à Peregrinação Internacional Aniversária de agosto de 2023, apresentando aos peregrinos a figura de Maria como modelo de entrega incondicional aos designios de Deus e Fátima como local que fala da presença de Deus na História. No "Livro de Honra" deixou uma mensagem com elevada carga poética, na qual valoriza Fátima enquanto local de refúgio e de consolo.

Arquivo do Santuário de Fátima



HÁ 100 ANOS ACONTECEU...

Edição de 13 de maio de 1924

O Jornal *Voz da Fátima*, que completou cem anos no dia 13 de outubro de 2022, é de distribuição gratuita. Sendo o órgão oficial do Santuário de Fátima com maior longevidade e periodicidade, vive exclusivamente de donativos dos seus assinantes, que maioritariamente continuam a pertencer ao Movimento da Mensagem de Fátima.

Há cem anos o Jornal era distribuído apenas na Cova da Iria, e quem o quisesse receber em casa deveria pagar os portes. Hoje também esse valor é assegurado pelo Santuário de Fátima e pelo Movimento da Mensagem de Fátima.

O primeiro número do Jornal foi publicado em 13 de outubro de 1922, cinco anos depois das aparições e oito anos antes de as mesmas te-

rem sido declaradas dignas de crédito.

A decisão de criar o Jornal foi tomada por uma Comissão Canónica criada pelo então bispo de Leiria, D. José Alves Correia da Silva, e a publicação teria a finalidade de dar nota de todas as notícias e informações relativas aos acontecimentos de Fátima e, em concreto, às Aparições.

Além disso, quem fundou o Jornal teve sempre a preocupação de instruir os leitores, dar-lhes orientações sobre a forma como deviam ler o mundo a partir da mensagem celeste que ali foi deixada.

A publicação começou com uma tiragem de seis mil exemplares, e chegou a aproximar-se dos 250 mil em 1954, tendo sido impressa em várias línguas.

VOZ DA FÁTIMA

VOZ DA FÁTIMA

Este jornalzinho, que vae sendo tão querido e procurado, é distribuido gratuitamente em Fátima nos dias 13 de cada mês.

Quem quizer ter o direito de o receber directamente pelo correio, terá de enviar, adeantadamente, o minimo de dez mil réis.

Mergulhar no verde do Santuário

Dos Valinhos à Cova da Iria, árvores centenárias, contemporâneas dos Pastorinhos, convivem em harmonia com outras mais recentes. Todas contribuem para manter o cenário de paz e o ambiente de silêncio que caracterizam Fátima. Todas têm uma história para contar.

Patrícia Duarte

São cerca de 60 hectares de um verde espontâneo onde predominam os carvalhos e as azinheiras. Ocasionalmente avistam-se pinheiros e eucaliptos, mas esses não são autóctones. Em tempos remotos, quem os semeou procurava o sustento que não conseguia obter com as espécies nativas e a agricultura pobre. Na floresta dos Valinhos, a exemplo de toda a Serra de Aire, falta terra e falta água. Em contrapartida, abunda pedra cuja brancura, em contraste com o verde, gera recantos de enorme beleza sobretudo nos meses de primavera e de verão.

Num terreno com estas características, ver uma árvore de grande porte é motivo de espanto. “Este será possivelmente o nosso melhor exemplar”, afirma José Sales, enquanto aponta para um carvalho com cerca de 14 metros de altura, 29 metros de diâmetro de copa e 3,1 metros de perímetro de tronco. É um assombro de árvore. O coordenador do Serviço de Espaços Verdes e Limpeza de Exteriores do Santuário de Fátima destaca o emaranhado de ramos. Estima-se que a árvore já tenha ultrapassado os cem anos. Este carvalho, a azinheira da Cova da Iria e algumas oliveiras serão os espécimes mais antigos que o Santuário tem a seu cuidado.

A floresta dos Valinhos é povoada por milhões de árvores. Em diferentes estágios de desenvolvimento e de fisionomia muito distinta, combatem em silêncio por água e luz. Sobrevivem as que encontram uma porção de terreno que lhes dê esses dois trunfos. Tudo acontece de forma natural. É a natureza que dita as regras e estas são para respeitar. A mata insere-se em reserva ecológica nacional e está certificada. A gestão vai sendo feita com o mínimo de intervenção possível, sem recurso a herbicidas e sem cortes por

entidades que não sejam igualmente certificadas, esclarece José Sales.

O resultado é um santuário verde, digno de ser contemplado em harmonia com a história do lugar e dos seus três protagonistas. “Estas árvores é que viram os Pastorinhos andar por aqui, têm todas uma história para contar, temos de as respeitar”, refere José Sales para justificar por que razão não corta uma oliveira que definha sob um carvalho. “Pelo tronco, percebe-se que tem muitos, muitos anos”, refere.

Oliveiras centenárias

Tal como os carvalhos e as azinheiras, as oliveiras também se revelam resistentes. Por vezes, parecem brotar das pedras e dos locais mais extremos. Constituem a terceira espécie em número e algumas são centenárias. Entre antigas e novas, contam-se cerca de 5500. São elas que dão corpo à vertente agrícola dos Valinhos.

A produção de azeitona não tem conhecido ventos favorá-

veis. No ano passado, o Santuário entregou na Cooperativa de Olivicultores de Fátima 13 toneladas quando, no passado, chegou a exceder as 30. O azeite destina-se a consumo próprio.

O maior olival dos Valinhos tem mil árvores. Existem outros com menor número, mas também se veem oliveiras dispersas entre carvalhos e azinheiras. Destas não se pode esperar muito. A concorrência é feroz. José Sales e a sua equipa vão dando uma ajuda, enxertando, “tirando os ladrões” e podando para que consigam rebentar. Mas são muitos os fatores que têm de convergir para que uma árvore cresça e se mantenha. Nem sempre há êxito.

A par deste trabalho, os cinco colaboradores do Santuário encarregados de zelar pelos Valinhos cortam o mato — por norma de dois em dois anos — e mantêm limpas as faixas de gestão de combustível perto de habitações. Da sua responsabilidade são igualmente a limpeza e a manutenção do Caminho dos Pastorinhos onde, entre outros pontos de interesse, se encontra a Loca do Cabeço, local em que se terá dado a primeira e a terceira aparições do Anjo aos Videntes.

Parques naturalizados

Resumem-se a três os espaços relvados do Santuário de Fátima. Um situa-se no Centro Pastoral de Paulo VI, outro pode ser visto junto ao parque de estacionamento n.º 2 e o terceiro é o canteiro que envolve o Sagrado Coração de Jesus. A regra, como explica José Sales, é respeitar o que o local permite gerar. Em terreno seco — não porque falte a chuva, mas porque a permeabilidade calcária da serra não retém a água à superfície — a

opção recai sobre espaços naturalizados. “A relva é das coisas que a nível de jardins gasta mais água; no sítio onde estamos não faz sentido”, explica.

Nos parques de estacionamento que contornam a Basílica de Nossa Senhora do Rosário o que se encontra são prados de sequeiro, o mais naturalizados possível. Alecrins, rosmaninhos, madressilvas e sargaços compõem a generalidade dos canteiros.

Em comparação com os Valinhos, nos parques do Santuário existe maior diversidade de árvores. O objetivo é, sobretudo, fazer sombra, uma vez que são procurados com regularidade para piqueniques e encontros familiares, com particular intensidade nas grandes peregrinações entre maio e outubro.

Árvores autóctones coabitam com espécies exóticas. A grevília australiana, a casuarina asiática, a tipuana sul-americana e o ácer canadiano vivem em harmonia com o pinheiro manso e o sobreiro ou com o carvalho e a azinheira tão típicos da região. Fazem, assim, jus ao espírito de Fátima enquanto lugar de encontro e de sã convivência entre fiéis independentemente da origem.

Os parques de estacionamento a poente — vulgarmente designados de norte — são os mais antigos e arborizados. Os de nascente, mais recentes, assistem e aguardam pelo crescimento das suas árvores. Vai levar tempo até que os exemplares deste lado ombriem com os da vertente oposta.

O buxo compõe uma parte significativa das sebes do Santuário porque se adapta bem. Mas por ali também se encontram medronheiros, viburnos e *phillyreas*. Nesta fase do ano, cruzamo-nos ainda com a flor amarela das pascoinhas e a intensidade do seu aroma. Nada é regado e tudo se aguenta.



ÁRVORES DO SANTUÁRIO

ÁCER *Acer negundo* | ALFENEIRO *Limnium lucidum* | AZINHEIRA *Quercus ilex* | CARVALHO CERQUINHO *Quercus faginea* | CASUARINA *Casuarina equisetifolia*
 CEDRO DO BUÇACO *Cupressus lusitanica* | CEREJEIRA *Prunus avium* | CHOUPÓ NEGRO *Populus nigra* | CIPRESTE-ITALIANO *Cupressus sempervirens*
 EUCALIPTO DA TASMÂNIA *Eucalyptus globulus* | FREIXO *Fraxinus angustifolia* | GRAVÍLIA *Grevillea robusta* | LÓDÃO, CELTIS *Celtis australis* | LOUREIRO *Laurus nobilis*
 LOUREIRO-CEREJEIRO *Prunus laurocerasus* | OLAIA *Cercis siliquastrum* | OLIVEIRA *Olea europaea* sp | NOGUEIRA *Juglans regia* | PITTOSPORUM *Pittosporum sp*
 PLÁTANO *Platanus x hispanica* | SOBREIRO *Quercus suber* | TÍLIA *Tilia x europaea* | TIPUANA *Tipuana tipu* | ULMEIRO, OLMO *Ulmus sp* | ZÊLHA *Acer monspessulanum*



Árvores que abraçam o Recinto

Se nos parques de estacionamento o principal objetivo do arvoredo é fazer sombra, nas vias que ladeiam a Basílica da Santíssima Trindade e o Recinto de Oração o objetivo é constituir uma barreira acústica e visual. O silêncio de Fátima também se consegue à custa de duas alas densamente habitadas por espécies tão variadas como loureiros, freixos, pilriteiros, choupos, carvalhos, adernos, folhados e pinheiros

mansos. Até um sabugueiro ali pode ser encontrado.

A descrição não ficaria completa sem uma referência aos cedros. São incontornáveis. Há décadas que abraçam o recinto. Do alto dos seus 18 metros têm sido espetadores privilegiados de todos os momentos marcantes: das multidões dos grandes eventos ao deserto ditado pela pandemia.

Também nestes espaços, José Sales conta que quase não há intervenção. No entanto, a monitorização é regular e, de dois em dois anos, são feitas análises biomecânicas às árvores. Um re-

gistógrafo verifica a densidade da madeira, um martelo de impulsos ausculta as vibrações e um inclinómetro analisa o pendor.

A azinheira grande

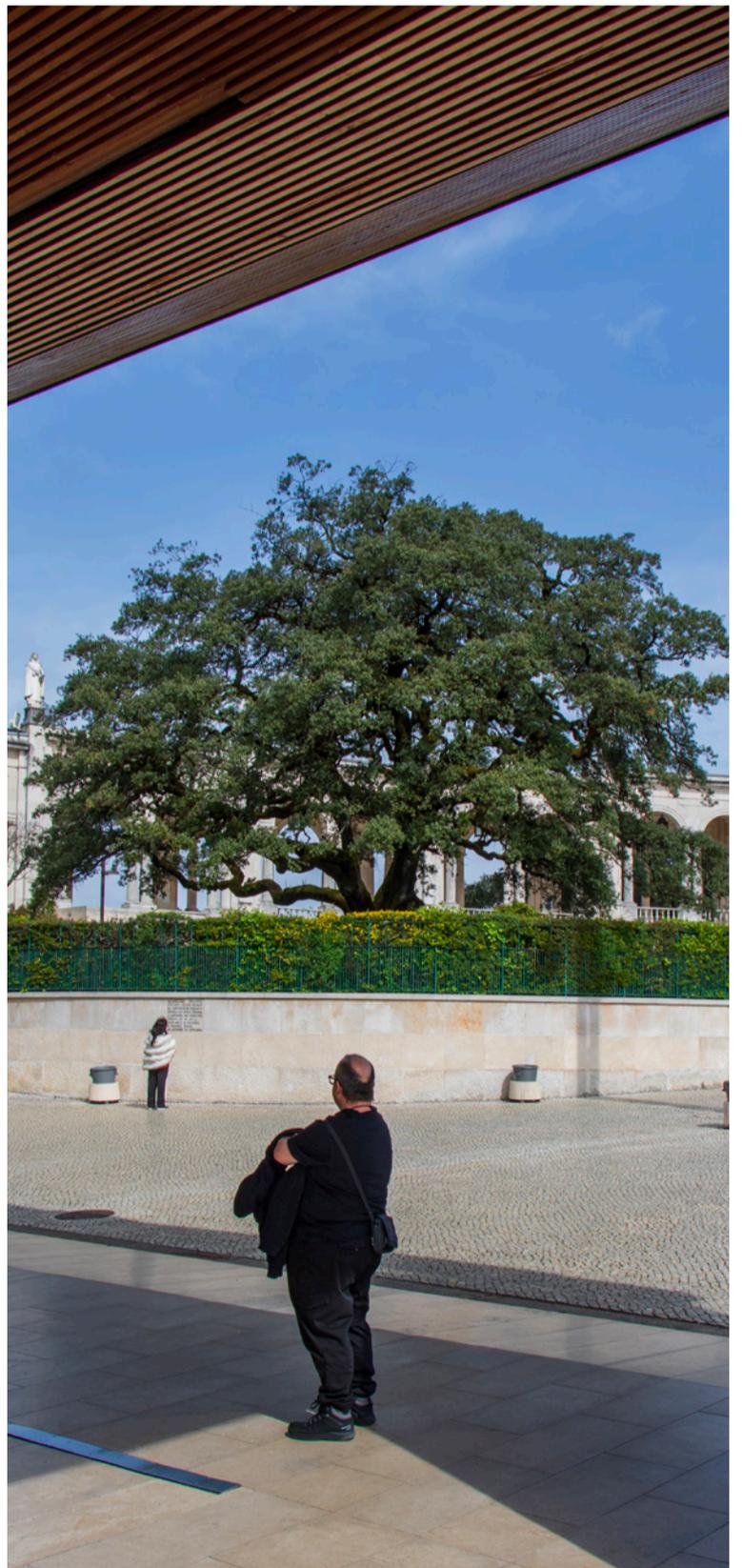
Avaliação regular tem também a azinheira grande, ao lado da Capelinha das Aparições. “É o meu ‘ai-jesus’”, reconhece José Sales. Explica que à semelhança dos outros espaços, também aqui a intervenção é mínima para não ferir as raízes e reduzir o risco de a ver atacada por fungos. “É deixá-la o mais possível sossegada”, sustenta.

A azinheira, que tem mais de cem anos e está classificada de “interesse público” desde 2007, foi a única que ficou do período das Aparições.

A árvore sobre a qual a Senhora do Rosário apareceu situava-se no local onde hoje se encontra a peanha com a imagem, na Capelinha. A azinheira que chegou até aos dias de hoje é aquela em que Lúcia, Francisco e Jacinta viram, pela segunda vez, o relâmpago que antecedeu a aparição de 13 de maio. Foi sob esta árvore que, nos meses seguintes, rezaram o terço com as pessoas que os acompanhavam e aguardavam a visita da Senhora.

Com 11,5 metros de altura, um diâmetro de copa de 20,1 metros e 2,95 metros de perímetro de tronco, o “interesse público” foi atribuído à azinheira grande por “motivos históricos ou culturais”, ou seja, pela sua associação às Aparições. Uma parte considerável dos peregrinos veem-na como um ponto de visita incontornável, sendo objeto de muitas intenções e agradecimentos.

Para o Santuário, a azinheira grande e todos os espaços verdes que testemunharam a vivência dos Pastorinhos são objeto de um intenso cuidado. Preservar essa herança é manter viva a história que dá sentido ao lugar. É conservar um património de todos.



ARBUSTOS DO SANTUÁRIO

ABRUNHEIRO *Prunus spinosa* | **ADERNO** *Phillyrea latifolia* | **AROEIRA** *Pistacia lentiscus* | **BUXO** *Buxus sempervirens* | **ESCALÓNIA** *Escallonia macranta*
ESPINHEIRO *Pyracantha sp* | **FOLHADO, VIBURUM** *Viburnum tinus* | **GIESTA** *Cytisus striatus* | **HEBE** *Hebe andersonii* | **JASMIM DO MONTE** *Jasminum fruticans*
JUNÍPERO *Juniperus horizontalis* | **LIGUSTRO** *Limgustrum ovalifolium* | **LOENDRO** *Nerium oleander* | **LOUREIRO-CEREJEIRO** *Prunus laurocerasos*
MEDRONHEIRO *Arbutus unedo* | **MURTA** *Myrtus communis* | **PASCOINHA** *Coronilla glauca* | **PILRITEIRO, CARRAPITEIRO** *Crataegus monogyna*
ROSELHA, SARGAÇO *Cistus crispus* | **SABUGUEIRO** *Sambucus nigra* | **SANGUINHO-DAS-SEBES** *Rhamnus allaternus* | **SEMPRE NOIVA** *Spiraea cantoniensis*

Dia do Associado em Coimbra sublinha a bênção de ser Mensageiro

Cada coletor ao distribuir o jornal Voz da Fátima aos Mensageiros leva notícias do Amor de Jesus pelo Coração de Sua Mãe e, assim, anuncia a Palavra de Deus e a Mensagem de Fátima.

Diana Afonso | Associada do MMF da diocese de Coimbra

No dia 16 de março de 2024, realizou-se o Dia do Associado do Movimento da Mensagem de Fátima (MMF) da diocese de Coimbra, no Salão de São Tomás, no Seminário Maior de Coimbra.

Neste encontro, tivemos o privilégio de contar com a presença dos oradores Ana Maria Queirós, a responsável nacional da oração, e padre Daniel Mendes, o nosso assistente nacional.

Os temas abordados foram “Atualidade da Mensagem de Fátima” e o “O papel evangelizador do coletor do Jornal Voz da Fátima”.

Ouvi-los foi extremamente gratificante. Com palavras simples e direcionadas souberam tocar nos corações de todos os mensageiros presentes.

Ao ouvir a história do MMF, desde a sua origem e difusão, muito bem apresentada pelos oradores, foram várias as frases, referentes às Aparições em Fátima, que ficaram gravadas no meu coração: “Não tenhais



medo...”; “Orai muito...”; “Mudai de vida ... Converti-vos”; “Oração pelo outro”; “Não ofendam mais a Deus”.

Percebi que o papel evangelizador da pessoa que distribui o Jornal Voz de Fátima deve ser en-

tendido como uma missão. Cada coletor ao distribuir o jornal aos mensageiros leva “notícias” do Amor de Jesus pelo Coração de sua Mãe e, assim, anuncia a Palavra de Deus e a Mensagem de Fátima.

Foi uma bênção perceber que é tão simples ser mensageiro, afinal basta ter o coração pequeno e humilde capaz de amar ao jeito dos Pastorinhos. Em Fátima, Deus, por intermédio do Anjo e de Nossa Senhora, pediu-

-nos que tenhamos um coração de criança. Foi muito importante entender que um coração pequeno e humilde não significa que tudo vai correr bem, sem problemas, mas sim, apesar das contrariedades que nos envolvem, apesar da diversidade de pessoas com quem nos relacionamos, nunca desistirmos da missão que nos foi confiada por Nossa Senhora.

Façamos o que Nossa Senhora nos pediu: “Rezem o terço todos os dias para alcançar a paz para o mundo e o fim da guerra”. Acho que é muito importante e atual lembrar o que Nossa Senhora pediu aos Pastorinhos em Fátima; para que possamos viver na Luz, da Luz e para a Luz.

Muito obrigada aos oradores, Ana Maria Queirós e ao padre Daniel Mendes, pela disponibilidade para estarem connosco neste dia, e ao Secretariado Diocesano de Coimbra pela organização.

Como Santa Jacinta, mensageiros também foram chamados ao encontro

Iniciativa reuniu mensageiros da zona Sul e permitiu aprender mais sobre Jacinta Marto e refletir sobre as vias possíveis de encontro com Deus.

Equipa Coordenadora do Setor Juvenil do MMF

No dia 24 de fevereiro, na paróquia de Santo António de Moscavide, diocese de Lisboa, teve lugar a atividade “Como Santa Jacinta Chamados ao Encontro”, a fim de reunir os mensageiros da zona Sul e todos os que tivessem interesse em descobrir um pouco mais sobre a vida de Santa Jacinta Marto e sobre o Movimento da Mensagem de Fátima (MMF).

Foram cerca de 25 os participantes, maioritariamente da diocese de Lisboa e alguns da diocese de Setúbal, estando também presente o presidente do Secretariado Nacional do MMF, Filipe Ferreira.

A atividade teve início às 10h00 com uma breve apresentação do MMF dando a conhecer a sua história, a sua missão, os seus campos apostólicos e setores.

De seguida o padre Carlos Azevedo, capelão do Hospital Dona Estefânia, onde esteve internada



e partiu para o céu a Santa Jacinta, deu-nos a conhecer um pouco mais da vida desta pequena pastinha, bem como do seu irmão

São Francisco Marto e sua prima Venerável Irmã Lúcia de Jesus, e como hoje podemos aprender com os Pastorinhos a viver a nos-

sa fé de uma forma concreta, comprometida e próxima de Deus.

Seguiu-se o almoço partilhado, que se transformou num momen-

to de convívio e de partilha de experiências em comunidade, bem como das dificuldades que cada um sente na ação pastoral e a melhor forma para as ultrapassar.

Da parte da tarde, refletiu-se sobre de que forma podemos mais facilmente chegar ao verdadeiro encontro com Deus, destacando atitudes como parar, orar, olhar para os irmãos, colocar em prática o Evangelho.

Concluimos o nosso encontro com a celebração da eucaristia seguida da exposição do Santíssimo Sacramento, ao jeito do pequeno Francisco, que gostava de visitar e contemplar o “Jesus escondido”.

Foi um dia intenso e bem vivido, sendo visível nos rostos dos participantes a alegria do encontro. Ficou clara a vontade de se voltarem a reunir para orar, aprofundar a fé e continuar a construir comunidade.

50 guias e peregrinos de Vila Real preparam-se “para o longo, mas gratificante, caminho até ao Santuário”

Secretariado Diocesano do Movimento da Mensagem de Fátima de Vila Real promoveu encontro que procura preparar espiritual e fisicamente quem peregrina a pé. Também não foram descuradas as questões logísticas.

Secretariado Diocesano do MMF de Vila Real



No dia 2 de março, realizou-se no Centro Pastoral de Vila Pouca de Aguiar o “II Encontro dos Guias de Peregrinos a Pé a Fátima”, organizado pelo Secretariado Diocesano do Movimento da Mensagem de Fátima (MMF) de Vila Real. O encontro foi subordinado ao tema anual “Chamados ao Encontro — Peregrinos da Esperança” e contou com a presença de cerca de 50 guias e peregrinos, oriundos de Vila Real, Vila Pouca e Chaves.

A responsável diocesana das peregrinações, Lídia Nóbrega, destacou que o intuito destes encontros é preparar os peregrinos para o longo, mas gratificante, caminho até ao Santuário, não só em termos físicos, como de

segurança e espirituais, referindo que se trata de “um caminho de fé e devoção transformador da vida de todo o cristão que o percorra”.

O enquadramento espiritual ficou ao cuidado dos padres João Curralejo e João Costa. O primeiro centrou a sua apresentação na Mensagem de Fátima e nas orientações do Santo Padre para o ano de 2024 — Ano da Oração. A oração é um dos traços mais característicos da Mensagem de Fátima e o primeiro pedido de Nossa Senhora repetido nas várias aparições. O padre João Costa deu o seu testemunho de peregrino e de orientador espiritual de peregrinos, realçando que este caminho também lhe serve de preparação para todo o ano pastoral.

Na continuidade do encontro, não se descuraram os aspetos relacionados com as questões de saúde, de segurança, de logística e planeamento. As recomendações em termos de cuidados de saúde do peregrino beneficiaram da participação da enfermeira Alda Claudino, aliando os conhecimentos técnicos à sua experiência pessoal de peregrina.

Fernando Moura e José Augusto, guias responsáveis pela organização de grupos de peregrinos de Chaves e de Vila Pouca, abordaram de forma prática as questões relacionadas com a segurança na peregrinação e as preocupações de carácter logístico a ter em conta para assegurar uma boa peregrinação.

Ana Maria, guia e peregrina há alguns anos, apresentou um conjunto de trajetos alternativos que tentam “fugir” aos trajetos mais perigosos e movimentados e que permitem, em simultâneo, aproveitar a natureza.

Esta iniciativa contou com a presença do presidente do MMF, Filipe Ferreira, que realçou o mote deste ano pastoral — “Chamados ao Encontro” — na linha do convite do Papa Francisco para este biénio, que leva ao jubileu do próximo ano. O responsável nacional convidou todos os presentes a cuidarem da oração pessoal. Só conseguimos dar o que temos dentro; como tal, é fundamental ter momentos de verdadeiro encontro íntimo e pessoal com

Deus. Se a nossa vida for espelho de uma relação viva com o Senhor, vai refletir-se em todos os aspetos da peregrinação. Afinal de contas, peregrinar até à casa da mãe é, por si só, um momento favorável ao encontro com Deus, através da oração, da atenção aos irmãos, do apoio realizado ao longo de toda a peregrinação.

No final da tarde, procedeu-se à entrega de um folheto com recomendações ao peregrino da autoria da responsável diocesana, seguindo-se um momento de convívio e confraternização entre os participantes. Encerrou-se o encontro com a celebração da eucaristia na paróquia de Vila Pouca, presidida pelo padre António Paulo.

Crianças e adolescentes são convidados a viver o carisma da Mensagem de Fátima

Todos os grupos de pequenos mensageiros, catequistas e grupos paroquiais de crianças e adolescentes podem participar nos Encontros Interdiocesanos por zonas.



No dia 20 de abril de 2024, vão decorrer os Encontros Interdiocesanos de Pequenos Mensageiros por zonas. O Movimento da Mensagem de Fátima (MMF) convida todos os grupos de Pequenos Mensageiros, catequistas, grupos paroquiais de crianças e adolescentes, entre os 7 e os 15 anos, a estarem presentes. O objetivo deste encontro é proporcionar um dia de atividades e dinâmicas para que as crianças e adolescentes possam fazer uma experiência da vivência do carisma da Mensagem de Fátima, tendo como modelos

os Pastorinhos, os primeiros pequenos mensageiros que acolheram, viveram e testemunharam a Mensagem de Fátima, a partir das Aparições do Anjo (1916) e de Nossa Senhora (1917). O encontro terá como tema “Orai Comigo”, palavras do Anjo da Paz aos Pastorinhos em 1916.

O encontro da zona centro vai realizar-se na diocese de Coimbra, no Seminário Maior; na zona sul, o encontro será na diocese de Beja, no Santuário de Nossa Senhora da Cola — Ourique; e na zona norte, o encontro será na diocese de Braga, no Co-

légio de Montariol em Braga.

Os encontros iniciam-se às 9h30, com acolhimento, e terminam com oração final e envio pelas 16h30. Cada participante deverá levar almoço para partilhar, calçado confortável, t-shirt branca e um terço.

Pedimos que comuniquem as inscrições aos secretariados das vossas dioceses e/ou responsáveis diocesanos do Setor dos Pequenos Mensageiros, até ao dia 15 de abril 2024, via e-mail pequenosmensageiros@mmfatima.pt, ou telefonicamente para 249 539 679. Aguardamos a vossa presença.

Na Evocação das Aparições do Anjo, Reitor lembrou crianças vítimas da injustiça e da violência

Memória das Aparições do Anjo foi evocada com uma procissão que partiu da Capelinha das Aparições rumo ao Caminho dos Pastorinhos.

Cátia Filipe



O Santuário de Fátima fez memória das Aparições do Anjo, na noite de 21 de março, com uma procissão que saiu da Capelinha das Aparições rumo ao Poço do Arneiro e Loca do Anjo.

Durante a *Via Matris*, no Caminho dos Pastorinhos, o reitor, padre Carlos Cabecinhas, lembrou “os excluídos da socie-

dade”, a necessidade da “defesa da vida e dos direitos fundamentais da pessoa humana” e as crianças “vítimas da injustiça social, da desagregação familiar e da violência”.

“Nós te pedimos que, seguindo o exemplo da Virgem das Dores, saibamos lutar para defender a vida e os direitos fundamentais da pessoa humana

contra as injustiças e a perseguição dos prepotentes”, disse numa das orações durante a *Via Matris*.

Não são conhecidas, com precisão, as datas em que os três Pastorinhos de Fátima se viram beneficiados com as visões do Anjo. O Santuário de Fátima estabeleceu para a sua celebração o dia 21 de março de cada ano.

Outras notícias



Diocese de Leiria-Fátima veio à Cova da Iria lembrar a importância do Batismo

Mais de 10 mil peregrinos participaram na Missa da 91.ª Peregrinação de Leiria-Fátima à Cova da Iria, no passado dia 17 de março, sob o tema “Pelo Batismo, somos Igreja”. À chegada, os diocesanos de Leiria-Fátima foram convidados a escrever o nome e data do Batismo numa faixa de tecido que anunciava o tema da peregrinação e que integrou, juntamente com as bandeiras paroquiais, a procissão inicial da Eucaristia.



Crianças escuteiras vieram “Escutar Fátima”, a brincar

Um grupo de 31 crianças escuteiras de Arruda dos Vinhos veio à Cova da Iria, no passado dia 16 de março, para participar no “Escutar Fátima”, um itinerário de fé centrado na Mensagem de Fátima, que se concretizou através da oração, de jogos ao ar livre, da exploração dos espaços do Santuário e do aprofundamento da vida dos Santos Pastorinhos.

O projeto “Escutar Fátima” foi lançado pelo Santuário de Fátima e pelo Corpo Nacional de Escutas, no final de 2021. Em 2023, o projeto trouxe à Cova da Iria diferentes grupos escutistas, concretamente: 7 alcateias, num total de 160 crianças entre os 6 e os 9 anos, 6 expedições, com 116 crianças entre os 10 e os 14 anos; 5 comunidades de 55 adolescentes; e 39 jovens de 6 clãs.



Jornadas de Comunicação estão de regresso

No dia 18 de abril, vários especialistas da Comunicação vão reunir-se no Santuário, para analisar as principais dificuldades que se colocam a quem assume a desafiante tarefa de comunicar. O antigo diretor do Centro Televisivo do Vaticano, Dario Viganò, e a animadora de rádio Ana Galvão estão entre os oradores convidados da edição deste ano, que prevê uma componente prática. Oficinas nas áreas de vídeo, som, redes sociais e assessoria de imprensa vão ensinar e propor ações concretas. As jornadas destinam-se a jornalistas e a outros profissionais interessados em saber mais sobre Comunicação.

Peregrinos interpelados a rezar pelo Papa no aniversário da sua eleição

Missa da Peregrinação Mensal de março foi celebrada na Basílica da Santíssima Trindade.

Cátia Filipe



O padre Carlos Cabecinhas, reitor do Santuário de Fátima, presidiu à missa da Peregrinação Mensal de março, na qual os peregrinos foram interpelados a rezar de forma muito especial pelo Papa Francisco, no dia em que se assinalou o 11.º aniversário da sua eleição.

A ligação de Fátima ao Vaticano é estreita, não só pela relação direta da Mensagem com a Catedral de Pedro, mas também pelos laços que cada um dos pontificados quis estabelecer com a Cova da Iria.

O cardeal argentino Jorge Bergoglio foi eleito Papa no segundo dia do conclave, em março de 2013, convocado para escolher o sucessor do resignatário Bento XVI. Nessa altura, D. José Policarpo, então cardeal-patriarca de Lisboa, revelou que o novo Papa, por duas vezes, lhe pedi-

ra que “consagrasse o seu novo ministério a Nossa Senhora de Fátima”.

Na homilia deste dia, o padre Carlos Cabecinhas falou da Palavra de Deus, que “aponta caminhos de conversão e nos exorta à confiança em Deus”, para este tempo da Quaresma.

“Jesus declara Maria, sua Mãe, bem-aventurada, por ser o exemplo máximo da escuta da Palavra de Deus”, acrescentou, lembrando que é na “maior atenção à Palavra de Deus, acolhida no coração e levada à vida, que encontramos os caminhos da conversão a que este tempo nos exorta e que nos conduzem à bem-aventurança”.

“O exemplo de Maria serve-nos de guia”, afirmou, desafiando os peregrinos a deixarem-se “guiar por Maria na vivência deste tempo quaresmal, escu-

tando mais atentamente e com mais frequência a Palavra de Deus e procurando pô-la em prática no nosso dia a dia”.

No dia em que se assinalou o 11.º aniversário da eleição do Papa Francisco, o padre Carlos Cabecinhas sublinhou a intenção de “rezar especialmente por ele”.

O Papa “ocupa um lugar de grande importância na terceira parte do segredo de Fátima, e os Pastorinhos, depois das Aparições, manifestaram uma especial comunhão com ele, que se concretizava sobretudo na oração”. Desde então, rezar pelo Santo Padre e pelas suas intenções tornou-se “parte integrante da própria Mensagem de Fátima e prática diária no Santuário”.

A celebração terminou com a procissão de regresso à Capelinha das Aparições.

Outras notícias



Vigilantes-sacristães recebem formação em primeiros socorros

A equipa de vigilantes-sacristães e outros colaboradores do Santuário de Fátima frequentaram, durante o passado mês de março, uma formação em primeiros socorros e suporte básico de vida. A ação, ministrada pela Associação Humanitária de Bombeiros Voluntários de Fátima, reforçou a articulação conjunta entre o Santuário e as forças de socorro, em particular os Bombeiros de Fátima, que têm um papel muito presente no Santuário.



Interescolas Diocesano trouxe 700 alunos a Fátima

No dia 21 de março, o Secretariado Diocesano do Ensino Religioso Escolar (SDER) de Lisboa trouxe 700 alunos a Fátima no âmbito do XXIII Interescolas Diocesano.

Fátima Nunes, responsável pelo SDER de Lisboa, explicou que este encontro tem como objetivo a “partilha de experiências”, uma vez que cada escola prepara uma apresentação.

“É um desafio que consigam perceber a importância desta disciplina quando vivemos num mundo em mudança”, referiu a professora.

Durante a tarde, o programa foi livre para que as turmas pudessem visitar o Santuário de Fátima.



Órgão de tubos da Capelinha das Aparições foi alvo de manutenção

Passados 23 anos da sua construção, o órgão de tubos da Capelinha das Aparições foi objeto de uma ação de manutenção, durante o mês de março. A intervenção teve como alvo todos os componentes funcionais do instrumento, desde a mecânica à secção da tubaria. No final da manutenção, os 800 tubos do órgão foram afinados.

Semana Santa e Tríduo Pascal vividos de forma intensa na Cova da Iria

Reitor do Santuário de Fátima lembrou vítimas da guerra na Ucrânia e na Palestina durante a Vigília Pascal.

Cátia Filipe

Os peregrinos foram convidados a viver de forma intensa a Semana Santa e o Tríduo Pascal em Fátima.

Na Missa Vespertina da Ceia do Senhor, os peregrinos reunidos na Basílica da Santíssima Trindade foram desafiados a concretizar o compromisso do amor fraterno.

“Nós somos os frágeis que Jesus socorre, mas igualmente aqueles que Ele envia a dar força, ânimo e alegria a quem, ao nosso lado, precisa de ajuda”, disse, na homilia, o reitor do Santuário de Fátima, padre Carlos Cabecinhas, ao apresentar a Eucaristia como dom através do qual “o Senhor continua a vir ao encontro das fragilidades humanas, para fazer experimentar a salvação”.

A celebração, que incluiu o gesto do lava-pés, terminou com a transladação do Santíssimo Sacramento para a Capela da Morte de Jesus.

No dia seguinte, na Celebração da Paixão do Senhor, os fiéis ouviram ecoar, por diversas vezes, as palavras morte e vida, cruz e salvação, serviço e amor. “Contemplar a cruz não é — não pode ser — um exercício estéril”, sublinhou o reitor do Santuário de Fátima, na homilia deste dia.

“Contemplar a cruz impede-nos de cair na indiferença dian-



te dos crucificados deste mundo, diante do sofrimento dos que nos cercam, diante daqueles que, ao nosso lado, carregam penosamente a própria cruz”, referiu.

Exortou ainda a assembleia a deixar-se desafiar pelo exemplo de Jesus, transformando a vida numa “oferta a Deus e aos outros, pois só uma vida entregue por amor é vida com sentido”.

“Cristo ressuscitou e faz-Se presente nas nossas vidas”, disse o padre Carlos Cabecinhas, considerando que a tarefa individual de cada um é “ir ao seu

encontro”, pois “se para nós Jesus Cristo não é mera figura do passado, mas alguém vivo e determinante, então é no encontro com Ele que nos realizamos como cristãos”, disse o sacerdote na Vigília Pascal.

“A ressurreição, a certeza de que Jesus vive, é condição para a oração cristã”, reiterou o reitor do Santuário de Fátima.

Da fé na ressurreição “brota a alegria para todos nós que sabemos que não estamos sós nos caminhos da vida, nas dificuldades, e a alegria transforma-se em oração de ação

de graças”. Por outro lado, “o encontro com Cristo vivo afasta os medos que nos paralisam e fortalece a nossa confiança, que assim se transforma em oração de súplica”.

“Mas nesta noite de alegria, não podemos esquecer aqueles que estão em situações dramáticas e de grande sofrimento, e celebrar a Páscoa com alegria não nos deixa indiferentes ao sofrimento de tantos que, esta noite, não encontram motivos para se alegrarem”, disse.

“Penso naqueles que vivem a experiência dramática da guer-

ra na Ucrânia e na Palestina ou em outros lugares do mundo; naqueles a quem falta tudo para uma vida digna; naqueles a quem somos chamados a levar a luz de Cristo, mais do que por palavras, através da nossa solidariedade e da nossa ajuda concreta”, reiterou o padre Carlos Cabecinhas.

Na manhã do Domingo de Páscoa da Ressurreição do Senhor, o reitor falou do desafio de “fazer da oração uma dimensão central na vida concreta de cada dia, à imagem dos Santos Pastores de Fátima”.

Mas se a celebração da Páscoa chama ao encontro com Cristo, “desafia-nos igualmente a darmos testemunho desta presença de Cristo vivo nas nossas vidas”.

Esse testemunho deve ser dado na alegria, mas também “através da atenção aos outros e com gestos concretos de atenção, de cuidado, de amor”.

Estas celebrações foram acompanhadas por milhares de peregrinos através dos meios de comunicação digital do Santuário de Fátima.

A partir da Páscoa o programa oficial do Santuário de Fátima sofre algumas alterações, entrando em vigor o chamado Programa de Verão, que se estende até ao final de outubro. O programa completo pode ser consultado em www.fatima.pt.



D. José Ornelas presidiu à Missa do Domingo de Ramos, que marcou o início da Semana Santa. “O amor de Deus salva, cura, levanta e transforma; é o nosso Pai que está sempre connosco”, disse o bispo de Leiria-Fátima na homilia da celebração, onde participaram grupos de peregrinos oriundos de Portugal e das Filipinas.

O Vaticano, o regime e o episcopado português em abril de 74

Em 1970, quando Paulo VI recebe os líderes dos movimentos de libertação anticoloniais, que estavam a combater Portugal em África, instala-se um clima de tensão entre o regime e o papado. O 25 de Abril acabaria por proporcionar o regresso a uma certa normalidade nas relações.

Carmo Rodeia

Se é certo que ninguém esperaria que no dia 25 de Abril de 1974 os bispos portugueses, reunidos em Fátima, na habitual assembleia plenária do ano, cantassem um *Te Deum* pelo derrube da ditadura ou que viessem para a rua, de cravos ao peito, celebrar a liberdade e gritar o seu apoio ao MFA, também não pode deixar de surpreender a declaração feita pelos bispos ao justificar a interrupção dos trabalhos, reconhece Frei Bento Domingues numa entrevista dada ao DN, aquando das comemorações dos 40 anos do 25 de Abril. Em comunicado, os prelados aludiam aos “acontecimentos de carácter nacional”, do conhecimento público, afirmando que os mesmos não deixariam de “ter fundas repercussões na vida do povo”.

“Nestas circunstâncias, [os bispos] formulam o voto de que tais acontecimentos contribuam para o bem da sociedade portuguesa, na justiça, na reconciliação e no respeito por todas as pessoas. Apelam para as virtudes cívicas dos católicos e de mais portugueses de boa vontade. E rezam a Deus pelo povo de Portugal”, pode ler-se no comunicado de então.

Na primeira nota pastoral “a propósito dos acontecimentos de 25 de Abril”, publicada a 4 de maio, o episcopado convida a trabalhar “pela concórdia e pela paz”.

“Sentimos com todo o Povo os anseios e esperanças da hora presente e com ele nos empenhamos, dentro da nossa competência, na edificação de uma ordem social assente na verdade, na justiça, na liberdade, no amor e na paz”, assinala um texto de duas páginas, em que se recorda aos padres e religiosos que não devem ocupar cargos políticos e aos partidos que nenhum deles pode reivindicar para a sua opinião, “de modo exclusivo”, a autoridade da Igreja.

Após a breve declaração do episcopado de 4 de maio, che-

gou ao público uma “Carta Pastoral sobre o contributo dos cristãos para a vida social e política”, datada de 16 de julho de 1974. Este documento, dividido em 59 pontos, aborda temas como a reestruturação política do país, a crise económica, as “exigências da sã democracia”, a pluralidade partidária ou o marxismo. A carta pastoral, publicada menos de três meses depois da revolução, referia que “o movimento de 25 de Abril pôs termo a um regime político de meio século e abriu ao povo português a possibilidade de um futuro marcado pelo ideal democrático”. O documento concluía com uma palavra de “confiança no bom senso do povo português”, numa “encruzilhada histórica”.

Entretanto, antes disso, na homilia da peregrinação do dia 13 de maio de 1974, o recém-criado cardeal-patriarca de Lisboa antecipa de viva-voz a posição do episcopado português face à situação política. Diante dos fiéis reunidos na Cova da Iria, o cardeal António Ribeiro (feito patriarca em 1971, sucedendo ao cardeal Cerejeira) manifesta o acatamento da Igreja portuguesa ao novo regime e aproveita a ocasião para renovar a consagração do país ao Imaculado Coração de Maria.

Nessa homilia, não ignorando as responsabilidades da Igreja no “momento atual”, D. António Ribeiro faz uma avaliação da “renovação da vida portuguesa” com vista à “reconciliação fraterna”, sublinhando que a Igreja partilhava “as esperanças e as angústias, as alegrias e as penas, as certezas e as interrogações” dos portugueses no processo de renovação das instituições.

“Com homens renovados, garantida estará também a indispensável renovação das estruturas da vida social. Esta é certamente a hora de metermos ombros à tarefa apaixonante de construirmos, na justiça e no amor, um Portugal melhor, mais

humano e mais cristão. Como, há pouco, lembravam os bispos da Metrópole, em nota pastoral coletiva, não cabe à Igreja propor modelos concretos e soluções técnicas de estruturação da vida social. E logo acrescentavam: estes modelos e soluções têm de ser encontrados pelo esforço conjugado de todos os cidadãos. Os leigos católicos por vocação humana e cristã devem participar generosamente neste esforço comum, garantindo aí a projeção do Evangelho. Esta é a hora do esforço conjugado de todos os cidadãos”, disse na homilia, publicada no jornal *Voz da Fátima* de junho de 1974.

Esta temperança protagonizada pelo cardeal Ribeiro terá certamente tranquilizado os mais progressistas que lideraram a oposição ao regime e, simultaneamente, apaziguado os que com ele pactuavam, evidenciando a forma pacífica como a Igreja Católica Portuguesa acabou por se adaptar à mudança de regime operada em Portugal, ao mesmo tempo que justifica a ausência de conflitos estruturais entre os clérigos e o novo regime, apesar das tensões evidentes ao longo dos pontificados de João XXIII e de Paulo VI.

Embora os ventos do Concílio Vaticano II não tivessem soprado de forma entusiástica entre a maioria hierárquica sacerdotal portuguesa, a verdade é que, no terreno, movimentos como a Acção Católica foram oferecendo alguma densidade à oposição ao regime, de forma discreta, e Roma conseguiu impor algumas escolhas cirúrgicas que representavam os novos sinais dos tempos.

Com D. António Ferreira Gomes já de regresso ao Porto, depois de um exílio forçado de cerca de 10 anos, entre 1959 e 1969, Roma soube antecipar uma transição evolutiva do episcopado, começando pelo próprio Patriarcado de Lisboa. A escolha do novo patriarca de Lisboa foi o exemplo vivo desse



vigor, que não deixou de existir à custa de feridas.

Quando o Papa Paulo VI foi a Bombaim, em 1964, Franco Nogueira fez uma manifestação pública em Lisboa a dizer que era uma afronta, por causa de Goa, dois anos antes desanexada de Portugal, mas os bispos não disseram nada. O então ministro português dos Negócios Estrangeiros afirmou que enquanto fosse vivo o Papa não viria a Portugal, porque lhe recusaria o visto, mesmo que quisesse ir a Fátima. As novidades sucediam-se pré-anunciando uma série de entendimentos que o regime salazarista catalogou como uma perda de iden-

tidade da Igreja, e isso era uma fonte de preocupação para o regime e um polo de tensão com o Vaticano, como recordam D. Manuel Clemente e Frei Bento Domingues em textos assinados na revista da Universidade Católica que assinalou o 40.º aniversário das comemorações do 25 de Abril de 1974.

Paulo VI veio mesmo a Fátima, a 13 de maio de 1967. E o regime acabou por tirar dividendos dessa visita, colando a imagem do Portugal Católico a um Portugal leal ao regime. A vasta multidão de Fátima seria uma manifestação de apoio ao regime. Essa leitura será abusiva, mas foi obviamente a que passou e sobretudo a que o regime autorizou através da comunicação social portuguesa, controlada pelo Estado.

Cientes disto, os líderes da oposição moderada, já a criar alicerces junto de algumas bolsas da Igreja, aproveitaram a oportunidade para chamar a atenção deste facto, moderando, por outro lado, as críticas a Fátima.

Em 1970, Paulo VI receberia os líderes dos movimentos de libertação anticoloniais, que estavam a combater Portugal em África, de Angola, de Moçambique e da Guiné-Bissau.

A partir daí, há um acelerar da crise e da tensão entre o regime e o papado, e o 25 de Abril acabaria por ser oportunidade para proporcionar um regresso a uma certa normalidade, que possibilitou uma revisão bastante limitada da Concordata, e isso foi crucial para uma normalização das relações, o que só aconteceu por causa da queda do antigo regime e com o novo regime democrático.

**Este texto foi redigido com recurso ao Jornal Voz da Fátima, Carta Pastoral sobre o contributo dos cristãos para a vida social e política, com data de 16 de julho de 1974, e Revista da UCP, 2014, sobre o 25 de Abril de 1974.*

Arcebispo de Barcelona preside à Peregrinação Internacional Aniversária de maio

O arcebispo de Barcelona e o arcebispo de Manaus estarão em Fátima nas peregrinações de maio e outubro.

Cátia Filipe

O cardeal Juan José Omella, arcebispo de Barcelona, irá presidir à Peregrinação Internacional Aniversária de maio. Este momento faz memória da primeira aparição de Nossa Senhora aos três Pastorinhos em 1917.

Juan José Omella [foto à esquerda] foi ordenado presbítero a 20 de setembro de 1970 e, em julho de 1996, foi nomeado bispo auxiliar de Saragoça. Foi ordenado bispo em 22 de setembro do mesmo ano. Em 27 de outubro de 1999 foi nomeado

bispo da diocese de Barbastro-Monzón, da qual tomou posse em 12 de dezembro de 1999.

A sua nomeação como arcebispo de Barcelona foi tornada pública a 6 de novembro de 2015. Tomou posse a 26 de dezembro do mesmo ano. D. Omella foi eleito membro da Congregação para os Bispos em novembro de 2014. Em 23 de dezembro de 2017, o Santo Padre nomeou-o membro do Supremo Tribunal da Assinatura Apostólica e, em julho de 2017, foi eleito cardeal pelo Papa Francisco.

Durante a Jornada Mundial da Juventude Lisboa 2023, o prelado, então presidente da Conferência Episcopal de Espanha, elogiou o acolhimento português aos jovens espanhóis e desafiou os mais de 75 mil peregrinos presentes em Portugal a serem “apóstolos do século XXI”.

O cardeal Leonardo Ulrich Steiner, arcebispo de Manaus [foto à direita], estará em Fátima para presidir à Peregrinação Internacional Aniversária de outubro.

D. Leonardo Ulrich Steiner foi nomeado bispo pelo Papa Francisco a 19 de março de 2016. O anúncio da sua criação para o Consistório de 27 de agosto aconteceu durante o hino mariano *Regina Caeli*, no final de maio de 2022. Na altura, a Conferência Episcopal Portuguesa (CEP) destacou a “reforçada atenção pastoral à Igreja universal” de Francisco.

“Pelas afinidades linguísticas e culturais, e pela cooperação mais estreita sobretudo a nível litúrgico e nos encontros de bis-

pos lusófonos”, a CEP exprimiu uma saudação muito especial a D. Leonardo Ulrich Steiner e também aos recém-criados: Paulo Cezar Costa, de Brasília, arcebispo do Brasil; Virgílio do Carmo da Silva, arcebispo de Díli; e a D. Filipe Neri António Sebastião do Rosário Ferrão, arcebispo de Goa e Damão, na Índia.

Os cardeais D. Juan José Omella e D. Leonardo Ulrich Steiner presidem pela primeira vez a uma grande peregrinação na Cova da Iria.

AGENDA

abril

18
qui

JORNADAS DE COMUNICAÇÃO DO SANTUÁRIO DE FÁTIMA

19
sex

LECTIO DIVINA PREPARATÓRIA DO DOMINGO
(aberta a toda a comunidade)

20
sáb

UM DIA COM O FRANCISCO E A JACINTA

21
dom

DOMINGO DO BOM PASTOR

25
qui

XIV ENCONTRO DE COROS INFANTIS

26
sex

LECTIO DIVINA PREPARATÓRIA DO DOMINGO
(aberta a toda a comunidade)

maio

1
qua

PEREGRINAÇÃO NACIONAL DOS ACÓLITOS
VISITA TEMÁTICA À EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA
“Rosarium: Alegria e Luz, Dor e Glória”

3
sex

LECTIO DIVINA PREPARATÓRIA DO DOMINGO
(aberta a toda a comunidade)

4
sáb

PRIMEIRO SÁBADO

10
sex

LECTIO DIVINA PREPARATÓRIA DO DOMINGO
(aberta a toda a comunidade)

